

## TRÁFICO DE DROGAS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Leonardo Freire Marino<sup>12</sup>

*“No fundo, não existe crime organizado. O que existe é Estado desorganizado”* (Fernand Braudel, in Joelmir Beting, Jornal o Globo, 6 de fevereiro de 2000, p.36)

### INTRODUÇÃO

O presente estudo é fruto da monografia de conclusão de curso, intitulada, Espaço e Drogas: o tráfico varejo nas favelas cariocas, desenvolvida durante o ano de 1999, no Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

O objetivo principal desta pesquisa é buscar revelar os principais elementos espaciais presentes na cidade do Rio de Janeiro que interferem na consolidação e expansão do tráfico de drogas varejo locado nas favelas desta cidade. Desta forma, torna-se objeto empírico de investigação as características naturais e sociais da cidade.

### UM BREVE HISTÓRICO DO TRÁFICO DE DROGAS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

O comércio de drogas na cidade do Rio de Janeiro, está longe de ser um fenômeno recente, pois este já estava presente nas ruas desta cidade desde a primeira metade do século XX (Souza, 1996, p. 443). Entretanto, é a partir da década de 80 que o comércio de drogas em si ganha notoriedade, atingindo as páginas dos jornais e tornando-se o grande responsável pelo aumento dos índices de violência urbana.

Anteriormente aos anos 80, o tráfico de drogas era centrado no comércio de maconha, uma droga leve, não muito lucrativa, e defendida por meio de armas também leves, cujo símbolo máximo era o revólver calibre 38. Ainda assim, os pontos de venda, em sua maioria, se limitavam as áreas periféricas ou mesmo marginais da cidade, como as favelas e bairros populares, pois a maconha sempre apresentou um caráter popular, sendo consumida em grande parte pelas camadas mais pobres da população, e relegando para as elites um consumo maior de outras drogas, tais como, a cocaína, uma droga cara, que orbitava grandes lucros, e que só era encontrada em algumas áreas privilegiadas da cidade.

A década de 80, neste sentido, serve como um divisor de águas, se manifestando através de uma mudança nos padrões de comercialização das drogas, o que acaba por culminar com a “democratização da cocaína”. Neste momento esta droga passa também a ser consumida pelas camadas mais pobres da população. Esse processo de transição, entre um comércio centrado numa droga leve, não muito lucrativa, como a maconha, para uma droga pesada, altamente lucrativa, como a cocaína vai requerer, e consequentemente gerar uma nova estrutura, capaz de garantir os meios necessários a sua segurança e defesa, e como qualquer atividade que se baseia em grandes lucros, esta irá se utilizar de novos instrumentos, capazes de garantir a sua difusão e reprodução, cujo símbolo máximo estaria repousando no fuzil AR-15, que passa a ser encontrado em quase todas as favelas, dominadas pelo tráfico de drogas.

Essas transformações em grande parte tem as suas origens na ascensão da Colômbia como maior produtora do mundo de cocaína, pois muitos dos grupos de narcotraficantes estabelecidos neste país, se utilizam de rotas de circulação e de transporte de drogas que cruzam o território brasileiro, o que acaba provocando um aumento da oferta de cocaína, diminuindo o preço de comercialização, e acarretando a multiplicação dos pontos de venda .

Além desse fator, outros dois grandes fatores vão responder pelo processo de mudança nos padrões de comercialização, e servirão de base para a consolidação do tráfico de drogas centrado no comércio de cocaína. O primeiro seria, um avassalador crescimento do número de favelas na cidade do Rio de Janeiro, pois mesmo que se desvincule violência urbana/tráfico de drogas de questões como pobreza e desemprego, estas não podem ser deixadas de lado. O segundo fator abrangeria o surgimento do Comando Vermelho (CV), “organização” criminosa que vai a partir do final dos anos 1970, assolar o imaginário coletivo de inúmeros habitantes, gerando o medo das ruas e a marginalização do cidadão favelado, que agora passa a ser encarado como traficante ou mesmo protetor de bandidos.

---

<sup>1</sup> Aluno do curso de Pós-Graduação em Políticas Territoriais do Rio de Janeiro, no Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ.

<sup>2</sup> Endereço: Av.: Fluminense 609 Vila Rosali São João de Meriti – Rio de Janeiro/Brasil, CEP 25510-140. 21-9805-9739, e-mail:leonardomarinobol.com.br

No período compreendido pela ditadura militar existente no Brasil, o governo se utilizou de uma estratégia de igualar presos políticos com presos comuns, e colocá-los sob a égide de um mesmo regime carcerário, tentando assim, esvaziar politicamente as ações implementadas pelos primeiros. Os assaltos a bancos e seqüestros promovidos por grupos de esquerda, passaram a ser encarados como crimes comuns e julgados como tais. Entretanto, esse processo ao contrário do que se esperava, não culminou com uma desmobilização dos primeiros, mas sim uma organização dos presos comuns em torno de ideais de coletividade implantadas dentro das prisões pelos presos políticos<sup>3</sup>.

A organização dos presos em torno de afinidades não era uma coisa nova, pois até a década de 70, estes se organizavam dentro das cadeias em torno das chamadas Falanges<sup>4</sup>, e antes mesmo do surgimento do Comando Vermelho já existiam, várias falanges dentro das prisões, na Ilha Grande por exemplo, no ano de fundação do Comando Vermelho, 1979, existiam 3 falanges, a Falange Zona Sul, que reunia os presos com origem na zona sul da cidade, a Falange Coréia e a Falange Jacaré, que reuniam presos de duas grandes favelas do Rio de Janeiro, conhecidas como Coréia e Jacarezinho (Amorim, in Barbosa, p. 150).

No entanto, nenhuma destas falanges conseguiu atingir o grau de representatividade e de estrutura alcançado pelo Comando Vermelho nos anos seguintes. Pois o Comando Vermelho, não se prendia a limitações externas a cadeia, como as falanges que em sua maioria se prendiam a bairros ou a regiões da cidade formal, e ainda assim, traziam de quebra novas idéias e novas formas de se organizar.

Dentro das cadeias, o Comando Vermelho, logo passa a ser respeitado, impondo sua autoridade através de combates sangrentos, o que vai gerar novas falanges, e posteriormente novos comandos, como no caso do Terceiro Comando (TC), facção rival que surgiu a partir de uma dissidência do Comando Vermelho.

Através de variadas marcações identitárias que se opõem umas as outras as quadrilhas dominaram as prisões, e conseqüentemente após a fuga ou mesmo a liberdade promovida pela justiça, as favelas cariocas. Neste período, o lema do Comando Vermelho se espalhava pelos presídios e posteriormente pelas favelas da cidade, as palavras PAZ, JUSTIÇA E LIBERDADE, ganham as paredes das celas e posteriormente os muros das comunidades carentes.

Quando nas ruas os presos retornam as suas antigas atividades, assaltos a bancos e tráfico de drogas, no entanto, desta vez, estes procuram se instalar de forma definitiva nas favelas, o que se explica por questões de segurança, pois uma das características mais comuns das favelas do Rio de Janeiro, é a inexistência de ruas ou vias de circulação amplas, sendo as existentes geralmente constituídas por becos e vielas, o que vai se configurar como um elemento espacial complicador do trânsito, impedindo a circulação de automóveis, e conseqüentemente de viaturas policiais, obrigando que as investidas do “poder público”, concretizadas na forma de ações policiais, sejam feitas a pé, o que acarreta a necessidade de um conhecimento prévio do terreno. Desta forma, os traficantes ao se localizarem nas favelas, se utilizam da precariedade existente da malha viária, e passam a levar uma imensa vantagem sobre os policiais, pois conhecem bem o terreno ocupado e as rotas de fuga mais favoráveis, o que se configura sobretudo em vantagem quando estes são originários da própria comunidade, e mesmo quando não, estes são bem-vindos pelos moradores, pois respeitam as coletividades e muitas vezes assumem um papel “paternalista” para com os moradores favelados<sup>5</sup>, recebendo a ajuda destes como retribuição.

Cabe ainda ressaltar, que os comandos nasceram da “amizade”, e se consolidaram enquanto alianças feitas dentro das cadeias, e que quando são levadas para fora dos muros das prisões se manifestam através da cooperação mútua de uns com os outros. No dizer popular “uma mão lava a outra” (Barbosa, 1998 p.141).

Atualmente, esse quadro de cooperação mútua entre traficantes, sob a égide dos comandos, tem se diluído, e a cada dia surgem novas quadrilhas que passam a articular novos territórios, consolidando novos pontos de venda de drogas, e acarretando um processo cada vez maior de fragmentação das quadrilhas e pulverização dos pontos de venda, que passam cada vez mais a ser controlados por grupos

---

<sup>3</sup> Cabe ressaltar, que não se pode falar em uma tomada geral de consciência política, mas houve um certo grau de organização, e a construção, mesmo que de forma mínima, de um ideário de direitos humanos dentro das cadeias nesse período.

*“A medida número um – que representava uma verdadeira revolução cultural na cadeia – era a proibição de qualquer ato de violência de preso contra preso. As incompatibilidades pessoais deveriam ser resolvidas na rua[...] Assalto, estupro ou qualquer forma de atentado estavam banidos. Uso de armas só para fugir, se houvesse ocasião”. ( Lima, in Barbosa, p. 140)*

<sup>4</sup> Na prisão “falange” quer dizer um grupo de presos organizados em torno de qualquer interesse comum.

<sup>5</sup> Vale ressaltar que em algumas comunidades os traficantes não são bem-vindos, o que geralmente resulta de atitudes violentas com os moradores. “ Não sabem fazer a política da boa vizinhança”, nessas regiões quase sempre o resultado desse processo são denúncias anônimas a polícia dos esconderijos de drogas e armas, e de cativéis de seqüestros, etc.

diferentes, que exaustivamente buscam a exclusividade das áreas de atuação e por isso acabam entrando em choque.

Se até alguns anos atrás o Comando Vermelho disputava pontos de venda quase que exclusivamente com o Terceiro Comando, nos dias atuais, este tem que se confrontar com novas facções, como o Comando Vermelho Jovem (CVJ), uma dissidência do próprio Comando Vermelho, ou o grupo conhecido como Amigos dos Amigos (ADA), uma dissidência da dissidência, pois este surge a partir do Terceiro Comando. Neste cenário de fragmentação, nota-se uma concentração dos pontos de venda entre o CV, o CVJ e o ADA, que acabam concentrando 90 % dos pontos de venda, relegando uma posição desprezível para o Terceiro Comando.

Nos anos 90, a cocaína se faz presente de forma consolidada, “uma droga de elite” que passa a ser comercializada e consumida por cidadãos marginalizados. Os anos 90 tornam-se os anos da cocaína, com a entrada em definitivo desta droga no cenário citadino do Rio de Janeiro.

## **PRINCIPAIS AGENTES DO TRÁFICO DE DROGAS NAS FAVELAS CARIOCAS**

As favelas do Rio de Janeiro se constituem em áreas em que as fronteiras entre o bem e o mal consistem-se em linhas tênues, quase imperceptíveis para quem assiste aos fatos ocorridos com olhos externalizados. Nessas regiões os contrários convivem lado a lado: vida e morte, alegria e tristeza, violência e solidariedade, a fé e o crime, o tráfico e a vida honesta, formam um cotidiano único, feito de muito sofrimento e de uma esperança quase inacreditável de que a vida irá melhorar. Valores e diferenças são testados e mantidos por convicções próprias. E são esses fatos que permitem entendermos o por que de existir uma gama de pessoas que se deixam entregar pelas “benesses” do crime, enquanto que uma maioria submetida a mesma realidade se mantém convicta e distanciada da criminalidade<sup>6</sup>.

Quando adentramos as comunidades carentes, um dos elementos que mais saltam aos nossos olhos é formado pela “falta”, falta de cidadania, falta de educação, falta de lazer, falta de dinheiro, falta de empregos, falta de comida, ou seja falta de tudo. E é justamente nesse cenário, baseado na ausência de inúmeras coisas, que o tráfico de drogas vai encontrar uma base de apoio logística importantíssima para se desenvolver, tornando-se um elemento de extrema importância na complexa configuração espacial e social das favelas cariocas, pois através da ocupação dessas áreas como pontos de venda de tóxicos, estes se configuram muitas vezes como a única alternativa capaz de gerar os meios de sobrevivência necessários a uma parte de nossa população, que encontra-se excluída do acesso ao mercado de trabalho, e em muito já busca os meios necessários a sua sobrevivência no mercado informal.

Desta forma, a inserção de diferentes agentes no tráfico de drogas nas favelas cariocas, não pode ser entendida como ações dissociadas de questões sociais, tais como, pobreza, miséria, exclusão social e desemprego, e neste sentido, o quadro atual do tráfico de drogas nas favelas do Rio de Janeiro, reflete bem essas questões. A cada dia um número maior de jovens, com idades cada vez menores, morrem nas “trincheiras” das favelas, vítimas de uma guerra cruel, e de uma sociedade que despreza os seus filhos e os jogam em direção as “valas”.

Se em anos atrás os traficantes de favelas, em sua maioria, eram pessoas com idades avançadas, que na maioria das vezes já haviam cumprido penas em presídios, e que tinham fortes laços de “amizade” com outros traficantes, fruto da passagem pelas prisões, nos dias atuais grande parte dos novos traficantes, são jovens, com idades inferiores a 20 anos<sup>7</sup>, sem nenhuma passagem pela polícia, que não conhecem as dificuldades de se viver num presídio, e que neste sentido, não tem os laços de amizades que os antigos traficantes tinham entre si, ou seja, “não devem favor a ninguém”. Entretanto, tanto quanto os “traficantes tradicionais”, esses jovens apresentam um passado de sofrimento e exclusão social em comum, acentuado sobretudo pela falta de empregos. O diálogo abaixo retrata esta situação, conforme apresentado por Ventura (1994, p.183-184).

*“- Quando você começou a trabalhar?*

*Desde os onze anos eu já trabalhava. Aqui dentro eu vendia verdura. A gente trabalhava na tendinha, tinha um comércio. Minha mãe nunca deixava a gente à toa. Tinha cinco. Um ia estudar, outro ia pro Senai. Tinha eu e a garota que tomava conta da tendinha. A gente pegava verdura e rodava dentro da favela pra vender. Fomos indo. Com onze,*

<sup>6</sup> “De um lado, o medo constante e mudo. O medo solitário e resignado. De outro lado, a eloquência sedutora do poder bandido, fácil e efêmero, prometendo a glória a quem não espera nada da cidade”.(Itamar Silva, in Zuenir Ventura,1994, pag. 141)

<sup>7</sup> Atualmente é cada vez mais comum a presença de crianças com idades inferiores a 12 anos de idade trabalhando nos pontos de venda de drogas nas favelas cariocas.

*doze anos, a gente fomo trabalhar com meu tio. Fiquei até uns quinze anos. Depois dediquei mais à escola. Lá pruns dezessete anos, consegui arrumar um emprego numa fábrica de fazer livro. Trabalhei quase uns dois anos nessa fábrica. Depois fui mandado embora. Depois meu pai conseguiu uma lanchonete e me botou junto com ele.*

*- Fora daqui?*

*Lá na cidade, na Rio Branco. Fiquei uns nove meses trabalhando com ele. Mas depois a loja faliu e aí não consegui mais emprego. Fiquei pelejando, pelejando e nada. Aí foi onde que eu entrei nessa vida.*

*- Que idade você tinha?*

*Eu entrei nessa vida em 88, com dezenove anos.*

*- Mas você já tinha um irmão...*

*Tinha um irmão primeiro do que eu. Ele tinha trabalhado na Lanchonete, saiu e rodou em 88, quando eu entrei.*

*- Estava roubando?*

*É. Foi roubar uma fábrica, aí virou.*

*- Ele foi preso ou foi morto?*

*Foi preso. Ele tava precisando das coisas, pagar advogado, tava passando necessidade. Ele lá e a gente aqui fora tentando comprar as coisas. Meu pai, né, só ajudava ali na despesa do mês. Minha mãe era crente, mas nunca abandonou a gente. Até um passarinho na época eu vendi pra comprar coisas pra eles, meu pai quase me matou. Um passarinho! Pô, falou pra caramba. Fui me revoltando, vi que tava precisando, aí fui invadindo a vida.”*

Esta longa citação foi necessária, pois nela está resumida algumas das principais causas sociais da entrada de jovens no tráfico de drogas no Rio de Janeiro, ou seja, o descaso por parte do Estado brasileiro, em promover nessas áreas alternativas capazes de gerar os meios necessários de sobrevivência, e de construção de valores sociais e de cidadania. Não gerando esses elementos o Estado acaba por criar um vácuo, que é ocupado pelo tráfico de drogas, uma atividade externalizada, que em nada tem haver com o cotidiano de miséria existente nas favelas cariocas, pois tem suas origens ligadas a mecanismos internacionais que movimentam somas vultuosas de capital no mercado financeiro mundial.

Entretanto, vale chamar atenção de que ao se inserirem no tráfico de drogas estes “cidadãos favelados”, estão buscando em sua maioria uma melhoria de vida, mesmo que esta seja temporária, pois para a maioria deles é melhor viver pouco e bem, do que muito e mal.

## **O ORGANOGRAMA DO TRÁFICO DE DROGAS DAS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO**

O tráfico de drogas nas favelas do Rio de Janeiro, se reproduz a partir de uma específica estrutura organizacional, a qual só é possível em função das singularidades espaciais oferecidas pela cidade do Rio de Janeiro. Neste sentido, esta estrutura organizacional só se sustenta na realidade espacial existente nesta cidade que, possui um sítio social singular, fruto em grande parte da ausência de áreas disponíveis para a construção de habitações, e pela conseqüente, ocupação das encostas íngremes e áreas alagadas da cidade pelas populações de baixa renda, através de um processo contínuo de favelização.

Nesta estrutura organizacional os diversos agentes sociais envolvidos não conseguem atingir uma longevidade em função de um circuito altamente violento proporcionado pelo tráfico. Entretanto, mesmo com a prisão ou a morte dos agentes os cargos ocupados se mantêm e sustentam o organograma do tráfico (FIGURA 1).

Aproximadamente sete são os cargos mais importantes na estrutura organizacional do tráfico de drogas varejo nas favelas cariocas:

1 – **Chefe, Dono ou “Patrão”**: Pode ser um médio, pequeno ou grande traficante variando da quantidade de bocas por este dominadas. Essa figura é uma figura móvel. Existem morros com vários donos, mais na maioria existe uma unicidade, ou seja, a existência de um único dono. Apresentam uma mobilidade elevada não se restringindo a favela, podendo quando necessário circular por diversas favelas por ele controladas ou por algum traficante que lhe tenha afinidade;

2 - **Gerente Geral**: Subchefe, braço direito, administra todas as bocas-de-fumo não se limitando somente a uma favela. Está função é mais do que um cargo, é uma posição, é aquele que responde pelo dono quando este não se encontra no morro, em caso de prisão ou morte é este quem geralmente assume o

lugar de comando. Apresenta uma mobilidade elevada ficando atrelado aos movimentos realizados pelo Dono;

3 - **Gerentes:** Este cargo se subdivide em dois, gerente do Branco (Cocaína) e do Preto (Maconha). São os responsáveis pela distribuição da cocaína e da maconha pelos vapozeiros. É um cargo de grande responsabilidade, este é o responsável direto pela quantidade de drogas vendidas e pela movimentação dos homens. Em alguns movimentos pode existir um gerente para cada preço de droga vendida, apresenta uma grande mobilidade entre os pontos de venda, porém ficando restrito a comunidade;

4 - **Vasco, Vapor ou Vapozeiro:** Homem que fica encarregado diretamente da venda da droga, geralmente trabalha armado (com uma arma leve, pistola ou revólver) , recebe uma comissão pela droga vendida sendo que o seu pagamento pode ser em dinheiro ou em pó. Apresentam uma mobilidade nula, ficando restrito ao ponto de venda;

5 - **Soldados:** Encarregados de fazerem a segurança das bocas-de-fumo, do morro e do dono, trabalham sempre com armas de grosso calibre geralmente fuzis e escopetas. A mobilidade desse elemento varia de acordo com a função exercida. Esse cargo subdividisse em três tipos:

- *Soldados do Morro* - tomam conta do morro, quando o terreno permite andam dentro de carros, formando os chamados "bondes". Possuem uma mobilidade alta, porém restrita ao morro, somente saindo da comunidade quando da invasão de um novo morro, ou para a realização de outra missão.

- *Soldados da Boca* – tomam conta da boca-de-fumo, ficam ligados ao vapor e posicionados em pontos estratégicos. São os responsáveis pela proteção da droga vendida, além da contenção, em caso de invasão da polícia e de inimigos. Apresentam uma mobilidade pequena.

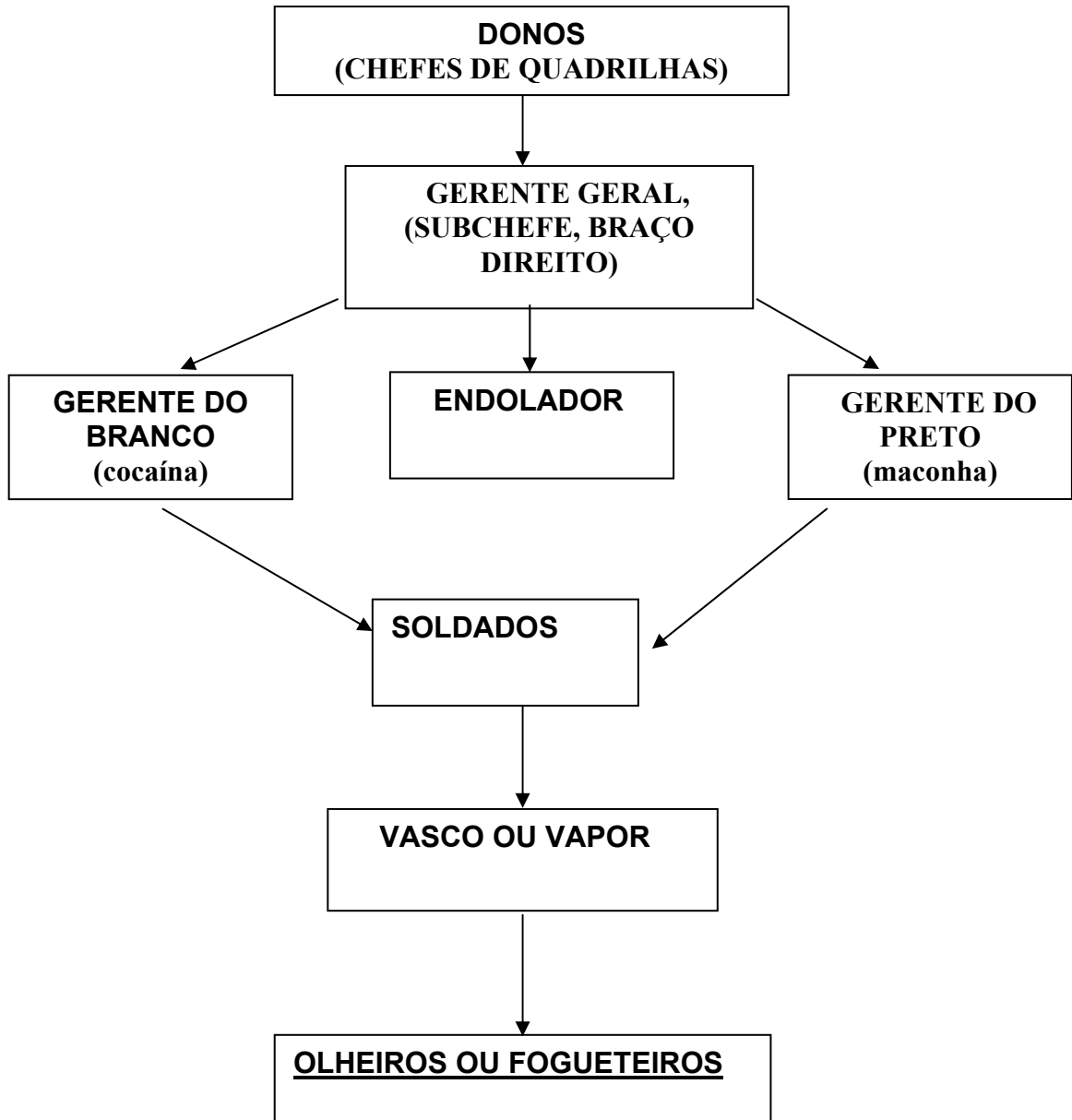
- *Soldados do Homem* – são encarregados pela proteção do dono do morro, podendo andar junto com o dono fora da favela. São os homens de total confiança, estão ali para matar ou morrer, possuem uma mobilidade elevada.

6 - **Olheiros ou Fogueteiros:** São responsáveis por avisar a entrada da polícia e dos inimigos. Deles depende a segurança do tráfico, evitando que o movimento seja pego de surpresa, geralmente são meninos que normalmente não usam armas. Em algumas favelas do Rio de Janeiro, os Olheiros se encontram equipados com walk-talks e telefones celular, o que agiliza a comunicação, permitindo que se evacue a área rapidamente. Possuem uma mobilidade nula, ficando restrito as entradas da favela e pontos que apresentem uma visão mais privilegiada;

7 - **Endolador:** Homens que ficam encarregados de embalar a droga, são homens de confiança, geralmente são moradores que fazem um 'bico'. Em alguns morros essa figura se acumula com a do gerente pois requer muita confiança, apresentam uma mobilidade nula, ficando restrito a um determinado ponto da comunidade, em que se prepara e embala as drogas para serem vendidas;

FIGURA 1

Um Organograma do Tráfico de Drogas Varejo das Favelas Cariocas – Relações de Poder



\* O cargo de Endolador por ser um cargo de confiança, fica diretamente subordinado ao gerente e ao dono ou chefe

Fonte: Marino, Leonardo. Observações de campo, 2000.

Existem outros agentes que se inserem no tráfico de drogas varejo, mas que no entanto, não pertencem as quadrilhas de favelas (organograma), e se configuram como elos de ligação, ora entre os traficantes e os consumidores, como é o caso dos “aviões”, ora entre os traficantes varejo e os traficantes internacionais, como no caso dos “matutos”, ora entre os pontos de venda em diferentes favelas,

controladas pelas mesmas quadrilhas, como no caso dos chamados “mulas”. Cabe ressaltar neste ponto, que a existência desses elementos não é específico ao tráfico de favelas do Rio de Janeiro, pois estes obedecem a outras características, que não se explicam pelas existentes nas favelas cariocas, pois com exceção dos “mulas” em grande parte são agentes oriundos de outros pontos da cidade e quase sempre de outras camadas sociais.

A ausência dos chamados “aviões” na estrutura do movimento anteriormente citado, parte do fato de que na maioria dos pontos de venda de drogas existentes no Rio de Janeiro, a função exercida pelo avião, não é feita por um integrante do “movimento” e sim por um terceiro, que pode ser um morador da comunidade, que faz uma “ponte” entre o movimento e o consumidor, a fim de receber algum dinheiro, ou como é mais comum, um outro viciado, localizado próximo ao consumidor que patrocina a aquisição da droga, muitas vezes essa figura exerce essa função em vista da ausência de dinheiro para se conseguir a droga, e por isso tem de correr os riscos de ir comprar a droga no “morro”<sup>8</sup>.

O matuto é o responsável pela distribuição das drogas entre as quadrilhas, é o penúltimo elo de uma cadeia que se inicia nos centros produtores e refinadores de drogas, e termina nos pontos de venda varejo. Essa figura representa a ligação entre o tráfico internacional e o tráfico varejo. Na maioria das vezes este elemento não pertence a uma determinada quadrilha, nem se prende unicamente a comercializar com uma única facção, podendo manter contato com grupos rivais, até porque este se apresenta enquanto um comerciante atacadista, não se limitando por isso a determinadas áreas, ou a comercializar somente com determinadas quadrilhas.

Entretanto, atualmente é cada vez mais comum traficantes ligados a escala varejo, se dirigirem diretamente aos centros produtores e refinadores de drogas, para comprar a mercadoria, fugindo a todo um esquema organizacional de transporte e revenda de tóxicos, realizado pelos grandes traficantes do sistema de tráfico internacional. Muitas vezes esse traficante acaba por assumir a função local de distribuidor de drogas, galgando patamares mais elevados, em uma suposta estruturação do tráfico de drogas, deixando de ser somente um varejista e passando a atuar também no atacado, como é o caso dos traficantes Miltinho do Dendê e Fernandinho Beira Mar, que seriam responsáveis pelo abastecimento de drogas e armas na cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, estes equivalem a uma exceção a regra, bem parcial por sinal, já que o primeiro se encontra preso desde 1995, e o segundo sofre uma perseguição permanente pelos agentes da polícia federal e as forças do governo estadual.

Há de se notar que mesmo que o matuto seja o responsável pela venda direta da droga para o traficante da favela, existe outros agentes que se inserem no tráfico de forma a “patrocinar” a aquisição da droga comprando diretamente dos grandes traficantes internacionais, e que não figuram no esquema de tráfico varejo, pois somente comercializam no atacado, pode-se de certo modo inferir que grande parte desses agentes que se mantêm encobertos seja formada por importantes membros da sociedade brasileira, tais como grandes empresários, magistrados, políticos e militares. O que de certa forma fica evidenciado quando a CPI do Narcotráfico prende políticos de grande expressão no Brasil, como o deputado federal Hildebrando Pascoal.

O último agente seria o encarregado de levar a droga de um morro para outro, ou de um ponto de venda para outro, sendo comumente conhecido como “mula”. Este trabalho geralmente é realizado por mulheres e crianças, em vista de que esses atraem uma menor atenção por parte da polícia, levantando uma menor suspeita. Essa atividade não está ligada diretamente a venda de drogas, pois é uma atividade momentânea, ou seja, não está atrelada a estrutura do tráfico de favelas, extrapolando o conceito, são como prestadores de serviço. Muitas vezes esses pequenos serviços acabam sendo os responsáveis diretos pela entrada de novos membros no tráfico de drogas, pois são atividades muito bem pagas, e acabam servindo como uma “isca” para os mais gananciosos.

Algumas favelas cariocas podem apresentar configurações diferentes do organograma acima discutido, podendo envolver em sua estrutura um número menor ou maior de pessoas. O número de pessoas envolvidas no tráfico varia conforme a importância da circulação das drogas no local. Quanto maior o movimento de capital, mais complexo será o organograma e maior também o número de pessoas envolvidas no preparo, segurança e comercialização das drogas. Por outro lado, quanto menor o capital envolvido, menor será a complexidade e o número de pessoas envolvidas, levando necessariamente ao acúmulo de funções. Além disso, esta não é a única forma de comércio varejo existente em nossa cidade, pois chama-se atenção para as boates, apartamentos de classe média, restaurantes, estabelecimentos de ensino e mesmo a rua propriamente dita.

---

<sup>8</sup> Existem vários riscos para o viciado que vai comprar a droga no morro, que abrangem desde a sua prisão pela polícia, ou mesmo ser confundido por um X-9, ou seja, um delator. Em a Notícia, de 26 de março de 1996, foi publicada uma matéria que mostrava uma cabeça humana, com um bilhete do lado, escrito: ODESTINO PRA QUEM É X-9. CV. CHUMBO GROSSO, PORRA. (Barbosa, p. 102)

## **A CONFIGURAÇÃO ESPACIAL DO TRÁFICO DE DROGAS VAREJO NAS FAVELAS CARIOCAS**

A cidade do Rio de Janeiro, possui características de um sítio natural único, que permitiram a singularidade e a constituição de um sítio social também único, no qual diversos fenômenos espaciais coexistem e se materializam. Em virtude disto, alguns elementos vinculados não apenas ao sítio natural, mais também ao sítio social concorrem para o favorecimento e consolidação do tráfico de drogas varejo nas favelas cariocas. Desta forma, os principais elementos espaciais destacados são: os elementos constituintes do sítio natural, destacando-se a Baía de Guanabara e a disposição do relevo carioca; e os elementos constituintes do sítio social, destacando-se a organização interna dos bairros da cidade e a configuração labiríntica das favelas cariocas.

A Baía de Guanabara, atualmente constitui-se como um dos principais pontos de entrada e saída de mercadorias ao nível nacional. No entanto, grande parte do seu entorno é formado por favelas, que na quase totalidade são controladas pelo tráfico de drogas varejo. Aproveitando-se das características naturais e de suas posições privilegiadas, muitos traficantes localizados nessas comunidades, fazem uso da baía como uma das mais importantes, senão a mais importante porta de entrada de drogas e armas para as quadrilhas de traficantes cariocas, transformando esta área tradicionalmente ocupada, como um ponto de importância estratégica na configuração do tráfico de drogas carioca, o que é facilitado sobretudo pela ineficiência das autoridades em se guardar essa importante porta de entrada do Rio de Janeiro.

Ainda assim, existem outras rotas de entrada de drogas e armas na cidade, que não obrigatoriamente fazem uso da baía de Guanabara, como área de passagem. Como exemplo dessas alternativas tem-se principalmente algumas rodovias Estaduais e Federais, como a via Dutra, que segundo a polícia carioca é uma das principais rotas de entrada de drogas e armas na cidade do Rio de Janeiro (Jornal Extra, 6 de fevereiro de 2000).

No entanto, nenhum outro elemento apresenta-se com o grau de importância da Baía de Guanabara, o que nos é sugerido pela própria polícia, quando divulga que os dois maiores distribuidores de drogas no Rio de Janeiro, Fernandinho Beira Mar e Miltinho do Dendê, são traficantes que justamente controlam favelas localizadas no entorno da baía, quais sejam a favela Beira-Mar no município de Duque de Caxias, e o morro do Dendê, na Ilha do Governador.

Outro elemento de igual importância, diz respeito a disposição do relevo carioca. Configurado em grande parte pela presença de morros e montanhas e pela pequena quantidade de planícies disponíveis para a ocupação urbana, o relevo do Rio de Janeiro levou a constituição de uma cidade, que se expandiu por dentro os vales de montanhas e pela ocupação das poucas planícies existentes, relegando as montanhas e áreas alagáveis, para uma ocupação posterior, somente realizada no presente século, pelo processo de favelização.

O processo de ocupação urbana, direcionado pelo relevo, permitiu a consolidação de uma paisagem urbana diferenciada e única, pois as populações mais pobres ocupam áreas (favelas) localizadas dentro da cidade legal, próximas muitas vezes de bairros destinados as classes mais abastadas, o que consequentemente resulta em um agravamento das questões sociais, pois permite uma maior visibilidade das diferenças sociais.

A localização das favelas em áreas próximas a bairros em que reside as classes mais abastadas, além de levar a um aumento da visibilidade das diferenças, permite que os traficantes de favelas estejam localizados em áreas próximas ao mercado consumidor, pois como vimos, a venda de cocaína nas favelas cariocas, não se destina a suprir uma demanda interna das comunidades, mais sim, uma demanda externa, oriunda sobretudo das classes média e alta, pois para a aquisição da cocaína é necessário a existência de um capital disponível, que quase sempre não é encontrado nas favelas.

Outro elemento espacial, a ser destacado é a configuração interna das favelas cariocas, com as suas vielas, seus becos, seus labirintos de casas sobrepostas, que acabam por favorecer a ocupação dessas áreas por atividades ilegais, como o tráfico de drogas. Nestes locais o tráfico passa a se aproveitar da intrincada malha viária existente e consolida sua estrutura espacial através de uma hierarquia, em que diversos agentes se inserem de maneiras distintas, com funções pré-definidas e se materializam no espaço através de uma mobilidade espacial, que pode ou não se restringir aos limites internos e externos de uma favela, como foi mostrado anteriormente.

A distribuição espacial dos agentes no espaço das favelas cariocas pode apresentar características diferentes da citada, pois esta tende a se configurar obedecendo as características espaciais de cada comunidade, o que se explica de acordo com as posições estratégicas internas de cada comunidade e da quantidade de drogas comercializadas nesses pontos. Alguns cargos expostos no organograma em favelas com um pequeno comércio de drogas, podem se acumular em um mesmo agente, configurando uma estrutura diferenciada. No entanto, a maior parte das favelas controladas pelo tráfico, tende a apresentar uma configuração espacial não muito diferente da do organograma, podendo variar com a



entrada de alguns novos agentes, tais como: armeiros, motoristas, contadores etc., mas a grosso modo a estrutura organizacional presente nessas áreas é a citada.

A seguir será mostrado uma simulação da provável configuração espacial do tráfico de drogas varejo locado numa favela da cidade do Rio de Janeiro (FIGURA 2).

O modelo criado tem como base a existência de uma favela localizada em um morro da cidade do Rio de Janeiro, com três entradas, sendo que cada uma destas entradas irá apresentar um ponto-de-venda de drogas distinto. Para cada entrada se destinará um Olheiro ou Fogueteiro (O/F), o qual será o responsável pelo alerta em caso de uma investida de quadrilhas rivais ou ações policiais. Esse agente apresentará uma mobilidade nula ficando em pontos fixos localizados estrategicamente, que permitam uma visão privilegiada das entradas.

Numa região localizada um pouco mais no interior da favela se postará o Vapor ( $V_1$ ,  $V_2$  e  $V_3$ ), o homem encarregado pela venda direta da droga ao consumidor, este agente possui uma mobilidade igualmente nula, localizando-se normalmente em um mesmo ponto, somente se posicionando em outros pontos da favela em caso de risco de invasão ou de uma investida policial. Ao redor do vapor se localizam os soldados da boca (Sb), que são encarregados de fazerem a segurança da mercadoria. Geralmente se posicionam em áreas estratégicas próximos ao vapor, trabalham sempre com armas de grosso calibre, possuindo uma mobilidade pequena, podendo se movimentar ao redor do vapor sem se afastar muito.

Posicionados estrategicamente pela favela encontram-se os soldados do morro (SM), que são os responsáveis pela "contenção", fazem a segurança da comunidade em caso de invasão ou de uma investida policial. Trabalham sempre com armas de grosso calibre, possuem uma mobilidade alta porém restrita ao morro.

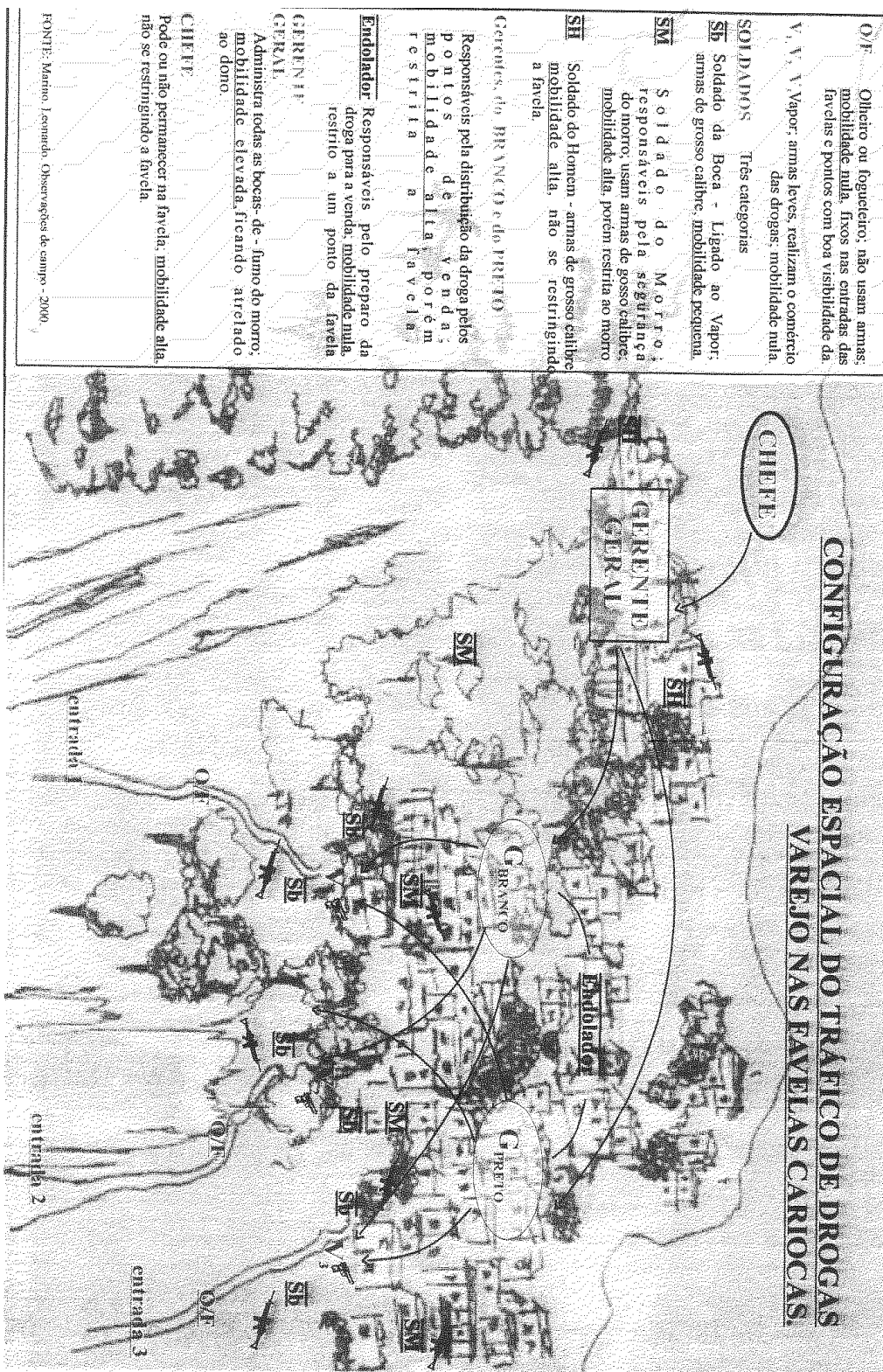
Circulando pelos pontos-de-venda, se encontram os gerentes (tanto do preto/maconha - Gp, quanto do branco/cocaína - Gb), que são os responsáveis pela distribuição da droga para o vapor. Possuem em vista de sua função uma mobilidade alta, porém restrita ao interior das favelas. São os gerentes, os responsáveis diretos por "pegar" a droga com o endolador, que é o responsável pelo preparo da droga para a comercialização. Este segundo agente possui uma mobilidade nula se restringindo a um ponto no interior da favela, geralmente uma casa na qual se "em sacam" as drogas.

Na hierarquia do tráfico varejo nas favelas, acima dos gerentes, localiza-se o gerente geral, que é o responsável pela administração das bocas-de-fumo do morro quando o "chefe da quadrilha" não estiver presente. Este não é um simples cargo, mas sim uma posição de destaque na hierarquia, pois em caso de prisão ou morte do "patrão" é ele quem geralmente assume. Possui uma mobilidade elevada, não se restringindo a comunidade, ficando atrelado aos movimentos do chefe.

Acima do gerente geral se encontra o chefe da quadrilha, que pode ou não permanecer dentro da comunidade. Existem chefes de quadrilhas que possuem mais de uma favela controlada, e em vista disso circulam pelos pontos de venda nas diferentes favelas, possuem os contatos fora das favelas, apresentam uma mobilidade alta.

Junto a esses agentes, podem ser encontrados os chamados soldados do homem (SH), que são os soldados encarregados de fazerem a segurança do dono ou do gerente geral. São homens de confiança, que estão ali para matar ou para morrer, trabalham sempre armados com armas de grosso calibre, e possuem uma mobilidade elevada ficando atrelados aos movimentos do chefe da quadrilha ou do gerente geral, circulando pela cidade nos chamados Bondes.

FIGURA 2



FONTE: Martins, Jesuado. Observações de campo - 2006.

Apesar do modelo criado ter como base o esquema morro-favela, este não necessariamente se limitará a favelas localizadas em morros, pois esta estrutura tende a se adaptar as características de cada comunidade, e por isso também ser encontrada em áreas planas ocupadas por favelas.

Desta forma, a Baía de Guanabara, a disposição do relevo carioca, a consolidação e a configuração espacial interna das favelas, permitem que o tráfico varejo na cidade do Rio de Janeiro, adquira ares de singularidade, pois atrelados a questões sociais como miséria e desemprego permitem que essa atividade se desenvolva nessas áreas de uma forma única, configurando-se como um elemento marcante na comunidade carentes. Atualmente, no Rio de Janeiro, quase todas as favelas encontram-se controladas por quadrilhas de traficantes que atuam no varejo, o que nos leva a pensar na existência de um certo “determinismo espacial” causado sobretudo pelos elementos naturais e sociais expostos acima, permitindo que o tráfico de drogas se desenvolva aqui de uma maneira distinta das de outras cidade brasileiras, como acontece nos dias atuais.

## **REFLEXÕES FINAIS**

Quando nos deparamos frente ao tráfico de drogas na cidade do Rio de Janeiro, encontramos uma imensa dificuldade em se implementar uma leitura espacial explicativa, que abarque o fenômeno das drogas nas favelas do Rio de Janeiro em toda a sua riqueza e especificidade. Desta forma, procurou-se mesmo de forma simplificada responder a algumas questões que se mostraram pertinentes, tais como: que elementos além dos econômicos sociais já tão conhecidos poderiam contribuir para a explicação do aumento do tráfico de drogas na cidade do Rio de Janeiro? A cidade possui singularidades espaciais capazes de facilitar a produção/reprodução do tráfico de drogas? Qual seria o papel das favelas e áreas marginais neste cenário? Teriam elas especificidades espaciais capazes de auxiliar a investigação do tráfico de drogas?

Com relação especificamente ao tráfico varejo locado nas favelas da cidade do Rio de Janeiro, a pesquisa revelou alguns elementos espaciais presentes nestas áreas carentes que facilitam ou mesmo “determinam a produção/reprodução do tráfico de drogas e as suas formas organizacionais, com os seus agentes e as suas respectivas mobilidades.

Dos elementos espaciais constituintes da cidade destacaram-se como importantes para a investigação, a Baía de Guanabara, a disposição do relevo carioca, a organização interna dos bairros e a configuração espacial interna das favelas.

Esse conjunto de elementos espaciais permite uma singularidade da cidade do Rio de Janeiro, quanto ao tráfico de drogas varejo, sobretudo por gerar um quadro de tensões sociais único, o que é agravado em muito pela falta de alternativas de sobrevivência.

Atualmente, é extremamente difícil se pensar em uma favela na cidade do Rio de Janeiro, que não apresente-se controlada pelo tráfico de drogas. E frente a esta realidade podemos inferir a existência de um certo “determinismo” espacial, proporcionado pela singularidade dos elementos espaciais presentes nas favelas cariocas, que permitem a proliferação e reprodução dos diversos pontos de venda varejo nas áreas sócio-espacialmente marginalizadas.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, M. A. A Evolução Urbana do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ – IPLANRIO/ZAHAR, 1987.
- A Favela está fazendo 100 anos (sobre os caminhos tortuosos da construção da cidade). Anais do 3º Simpósio de Geografia Urbana, Rio de Janeiro, RJ, 1993.
- BARBOSA, A. C. R. Um abraço para todos os amigos: Algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Niterói, RJ – EDUFF, 1998.
- BERNARDES, L. M. C., SOARES, M. T. S. Rio de Janeiro: Cidade e Região, Rio de Janeiro, RJ – Secretaria Municipal de Cultura: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1987.
- CARVALHO, J. Rio tem 10 mil no tráfico: CPI avalia estudo da PM que traz lista de 300 advogados. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, RJ, 25 junho de 1999.
- JESUS, G. M., MACHADO, M. S. Violência Cotidiana no Rio de Janeiro e as estratégias territoriais marginais: Uma reflexão. Anais do Seminário Interdisciplinar: Cidade e Produção do Cotidiano, Recife, PE, 1993.
- LEEDS, E. Cocaína e poderes paralelos na periferia urbana brasileira: ameaças à democratização em nível local. In: Zaluar, A, Alvito, M.(orgs), Um século de favelas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- MARINO, L. Espaço e Drogas: o tráfico varejo nas favelas cariocas. Monografia de Graduação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro –UERJ-RJ, 2000.
- PERLMAN, J. O Mito da Marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1977.
- SOUZA, M. J. L. “Miseropolização” e “clima de guerra civil”: sobre o agravamento e as condições de superação da “questão urbana” na metrópole do Rio de Janeiro. Anais do 3º Simpósio de Geografia Urbana, Rio de Janeiro, RJ, 1993.
- O Narcotráfico no Rio de Janeiro, sua territorialidade e a dialética entre “ordem” e “desordem”. In: Cadernos de Geociências, n.º 13, 1995, pp. 161-171.
- As drogas e a “questão urbana” no Brasil. A dinâmica sócio-espacial nas cidades brasileiras sob a influência do tráfico de tóxicos. In. Castro, I. E., Gomes, P. C. C., Corrêa, R. L.(organizadores) Brasil: questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro, RJ – Bertrand Brasil, 1996.
- VENTURA, Z. Cidade Partida. São Paulo, SP – Companhia das Letras, 1994.
- ZALUAR, A. Condomínio do diabo, Rio de Janeiro, RJ –Revam/UFRJ, 1994.